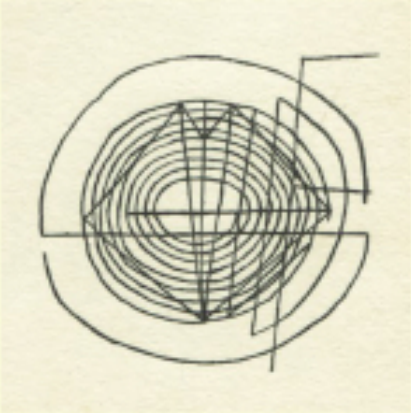
Henrique Tavares
Varik

OBRA COMPLETA



vol. I

POESIA

VARIK

POESIA

provavelmente
COMPLETA





Henrique Tavares
Varik

POESIA

{in-provavelmente}

COMPLETA

edição, organização e fixação do texto

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
LUIZ PIRES DOS REYS

recolha documental

GABRIEL RUI SILVA

EDIÇÕES EMNOME



Henrique Tavares
(1925-2003)

NOTA PREFACIAL

O presente volume é um contributo para a história cultural do século XX português e para o resgate histórico de uma das mais ricas e interventivas gerações culturais do último século em Portugal – a do Café Gelo (1955-1962), também conhecida como "segunda geração surrealista", cujo nome público mais representativo é o de Herberto Helder. Uma geração que teve forças para dar à luz a admirável criação do autor de *Os Passos em Volta* tem de ser uma geração que no seu conjunto se elevou muito alto.

Depois da reunião em volume da obra em verso de Manuel de Castro (1934-1971), *Bonsoir Madame* (2013), obra que Luiz Pacheco chegou a avaliar como superior à de Herberto Helder, e da de José Manuel Simões (1932-1999), *Sobras completas* (2016), com prefácios de Helder Macedo e José de Sá Caetano, chegou agora a vez de reunir a obra publicada de Henrique Tavares (1925-2003), que também assinou Henrique Ricardo Varik Tavares, um dos mais discretos e enigmáticos frequentadores das tertúlias que tiveram lugar na segunda metade da década de 50 do século XX, no vetusto e histórico Café do Rossio lisboeta. O convívio de Varik com Manuel de Castro, Fernando Saldanha da Gama, Luiz Pacheco e muitos outros, todos assíduos às mesas do Gelo, assinala-se em diversos passos, alguns presentes nestas páginas.

Os organizadores do presente volume agradecem aos amigos ainda vivos de Varik, como Francisco Bronze e Alfredo Canana, as informações que permitiram pouco a pouco refazer uma parte do itinerário vivo deste poeta e artista plástico sobre quem ainda há pouco nada se sabia a não

ser que, à sua conta, publicara em vida três livros tão indecifráveis como o rosto do seu autor e que podem ser tidos como documentos maximamente significativos da criação poética e cultural da segunda geração surrealista portuguesa. No manancial das fontes, na turbulência da linguagem, na ferocidade do seu segredo e na assunção dum laço sempre presente e nunca desvelado, os livros de Henrique Tavares merecem figurar entre o que de mais representativo essa geração deu à luz do dia.

Querem os organizadores estender ainda o agradecimento às instituições que de alguma forma ajudaram esta quase impossível investigação sobre um autor pouco mais do que *oculto* — em primeiro lugar o Instituto de História Contemporânea (IHC) e o seu grupo de Évora, o CEHFCi, na pessoa da investigadora e professora catedrática Maria de Fátima Nunes, sem o apoio da qual a realização física deste livro não teria passado de uma miragem bela e exaltante, mas irrealizada.

Guarda-se uma palavra final de reconhecimento especial para a viúva e a filha de Henrique Tavares, respectivamente senhora Maria Teresa Couto Guimarães Gomes Niny Tavares e senhora Alexandra Gomes Niny Tavares Coutinho, cujo interesse e motivação pela edição da obra do poeta e pintor em muito excedeu as nossas melhores expectativas, permitindo o acesso ao espólio, o que nos autoriza a encarar a publicação próxima de um segundo volume, constituído por inéditos e iconografia, e, porventura, de um terceiro dedicado à obra plástica.

24 de Dezembro de 2017

António Cândido Franco
Luiz Pires dos Reys
Gabriel Rui Silva

ANTEPÓRTICO

Restitui-se ao público e ao seu domínio — ora indiferente, ora entusiástico, ora tão-só ignorante — um poeta esquecido.

Esta é uma voz sonegada pelas modas de certa literatura *de passerelle*, sempre mais seduzida pela voragem da novidade-fátua e pelos tiques do *pastiche* epigónico, do que pelo imarcescível na raiz da palavra ou pelo que é filho da semeadura do silêncio imperituro que mais alto e mais fundo a sempre fecunda.

Henrique Varik Tavares sabia-o. Por isso, deixou dito desde logo:

> *Se não resistires à vontade do mundo com um intervalo de sonho!...*
>
> *Tu malfadado vinho da grandeza dum deus esquecido de si*
> *sabe que o uso livre da razão marca o erro próprio*
> *do agente secreto duma missão de amor* [pág. 43]

Posta sob os cuidados de António Cândido Franco, esta edição da obra poética publicada em vida por Varik — o poeta sem-abrigo — pretende, de uma forma singela mas muito viva, dar por resgatada e assumida uma tal *missão de amor*. E quer dizer, por toda a parte, que o sibilino *agente secreto* [idem] da *senhora dos cabelos vermelhos* [págs. 108, 111, 113, 114 e 116] resistiu até ao fim. Estas palavras no-lo garantem:

> *Apesar de tudo conservei a infância perene dos grandes viajantes que nas revelações dos sonhos trabalhosos vivem até ao fim da morte* [pág.125].

Henrique Tavares foi tão *até ao fim da morte*, e tão até ao sem-fim da vida, que a morte não acabou com ele:

> *a morte, sémen de todas as galinhas e dragões negros, construirá o grande emblema do deserto na areia da origem, da ascese e da força, e escutar-se-á o grande requiem do vento ao nascer o ser branco da pedra filosofal.* [pág. 110]

Cabe, pois, convocá-lo à permanência.

> *Olha para mim!* [pág. 135] — insta-nos ele — *Só* [...] *restará o FOGO. Porque o OURO está morto.* [idem]

Para dizer-nos com a limpidez alquímica da consumação transmutante:

SOU AGORA O SENHOR DO LIS AZUL !!! [id.]

Eis pois, hoje e aqui, o abrigo para a sua palavra.
Era tempo.

Neste retomar do diálogo entre poeta e leitores, aqui se deixa congraçante convocação.

Varik, queremos cantar como tu disseste em oráculo e enigma:

três vezes ao serviço das três últimas letras e de três sons. [pág.43]

E cuidar de ser o que poderias ter deixado como palavra derradeira, se assim quiseras, no selo lacrando o fecho de cada uma das três obras que deixaste impressas:

O céu continua estrelado na manhã a ser
como será jovem a manhã de hoje mesmo enfim
como serão jovens todos os dias alegres a vir . . .
[pág. 27]

EU SOU
O INFANTE DA TERRA E DO CÉU ESTRELADO!
JAMAIS ! PARA SEMPRE !
[pág. 80]

Assim emerge... a catedral submersa.
[pág. 135]

As *três últimas letras* começam agora.
Os *três sons*, terminam jamais.

O EDITOR
SEM NOME

ÍNDICE

Nota Prefacial 5
Antepórtico 7

O MISSAL DO APRENDIZ DE FEITICEIRO (1959) 11
Requiem para a Estrada do Sol 12
Canto da Primavera na Cidade Mecânica 16
Poema da Noite na Cidade Moderna 23

OS LIVROS SIBILINOS DA LUSITÂNIA (1960) 37
A Dama e o Licorne 41
Afrodite Branco 4 51
Afrodite Branco 4 52
Branco 4 53
Afrodite 54
Branco 4 Afrodite – Chave 55
Afrodite Branco 4 56
Afrodite Branco 5 57
Afrodite Branco 6 58
Afrodite Branco 7 59
Afrodite Branco 8 60
Afrodite Branco 9 61
Afrodite Branco 10 62
Afrodite Branco 11 63
Afrodite Branco 12 64
Afrodite Branco 65

Os Livros Sagrados de Orfeu 67
A reconciliação 68
A transgressão 68
A lei divina 69
A concepção das predestinações 69
A mão constelada 69
Ritual das evocações 70
Pureza inicial 70
Lição mística 70
O mito e a transmigração 71
O livre arbítrio e a justiça divina 71
A sujeição à beatitude eterna 72
A existência simultânea dos contrários 72
O primeiro criador 72
A identidade dos contrários 73
O primeiro cósmico 73

O fio de Ariana 73
A idade e a eternidade 74
Eurídice a atitude mental 74
Estado estático de ser 75
Ofertas de purificação 75
Entusiasmo contemporâneo 76
O sincretismo do argonauta 76
Símbolo órfico 77
Assim chamado 77
O véu de Orfeu 77
O fruto do vento 78
Ovo sem germe 78
A cabeça de ovo 78
Ovo órfico 79
A redenção 79
Eu também sou da vossa raça sagrada 79
A minha origem é o céu 80

ÓDIO DE BACANTE (UMA GESTA ORGÂNICA) (1962) 81

A Virgem do Expectro Solar (Tristão e Isolda) 83
Tristão 86
Isolda 97

O Monstro da Praga de Oiro (Erva-Verde-Eva) 105
Adeus à Senhora dos Cabelos Vermelhos 108
Elegia para a Passagem de Golém — O Monstro de Praga! 109
Balada para a Estrela Virgem de Cinco Pontas 110
O Primeiro Mistério da Revelação 111
Golém: — O Monstro de Praga! 112
O Último Rei Mago 113
A Senhora dos Cabelos Vermelhos 114
O País de Esmeralda 116
O Monstro da Praga de Oiro 117
Eva-Erva 118
A Praga de Oiro 120
A Cidade Mineral 122
Erva Monstro 124
Eva Verde 127
Golém — Tudo e Nada 130
Uma Gesta Orgânica 132

Notas 136
DOCUMENTA 139
POSTÉMIO ESQUISITO 169

CANTO DA PRIMAVERA NA CIDADE MECÂNICA

Liberto dos hábitos tornam a vida difícil
abro o meu coração ao encanto da primavera
ao perfume penetrante das flores a abrir
ao sonho de cor das folhas o sol há-de doirar
à beleza das gotas de orvalho matinais a cair
às fontes silenciosas dos parques desertos
ao caminho para o amor pela magia do seu filtro

Ainda que a paz desses teus dias não seja só quebrada
pelo rumor das asas a cruzar linhas de voo no azul
e a noite não seja um quadro musical da brisa de março
eu vejo as árvores crescer ao teu aproximar vida intensa
com a serenidade de as saber crescer sem mistérios
vejo a natureza despertar para sua entrega a ti primavera

Mesmo que o pensamento seja um verso sem princípio nem fim
e a imaginação seja vencida pela realidade presente
das construções verticais nas praças com diâmetro exacto
dos cinemas onde a vida passa em 40 minutos com intervalos
dos teatros onde a capacidade de viver se condensa num palco
da rádio onde a notícia supre a distância numa antena
do jornal onde o teu acontecimento se sintetiza em 2 linhas
tu não mudaste primavera

II

Se não resistires à vontade do mundo com um intervalo de sonho ! . . .

Tu malfadado vinho da grandeza dum deus esquecido de si
sabe que o uso livre da razão marca o erro próprio
do agente secreto duma missão de amor

três vezes ao serviço das três últimas letras e de três sons

Bagatela dum senhor ministro sábio e duma rainha
que obedientes ao destino duma solidão invencível
quando o ardor da febre gafava o mistério de existir

negaram a misericórdia das chamas

os últimos sacramentos da luz

a inocência da tranquilidade

Sem que a última palavra fosse dita
viram no espelho agonizar uma língua sem olhos
que silenciava a forma de possuir a verdade.

AFRODITE BRANCO 7

I

Ave da divina providência algemada pela alucinação
o meu desejo morre com as lágrimas coroa do rei no deserto

II

Agora o erro do ceptro é um círculo de oiro areias do Saará
onde lares muros natalícios península
findaram ao som da pandeireta com as leis dos cantares
as letras dos costumes
a tradição da raça

III

Três graças da esfíngica geografia formação lógica dum português

(Magno intruso olhos vazados rixa de águas)

VIII

A SUJEIÇÃO À BEATITUDE ETERNA

Eu nasci argila de sombra Eu não sou

porque o inferno é dos deuses Ele é solitário

Quando a grande deusa razão luz fria emergir um dia matar
a impureza corporal virgindade deus amor

não haverá moral nem regra culto de Hércules

IX

A EXISTÊNCIA SIMULTÂNEA DOS CONTRÁRIOS

Túmulo centro de cristal nome escrito sobre a água
lâmina de chumbo onde a lei sim é para o animal não para o homem

X

O PRIMEIRO CRIADOR

O obscuro número ímpar sabe o fogo é eterno sem par

se a água vive da morte do fogo na terra

o caminho de alto a baixo é um ponto
uma linha
um triângulo

Escolhe ! O incriado o informe o ilimitado

não definem a origem divina caos de Orfeu

ADEUS À SENHORA DOS CABELOS VERMELHOS

Se tu és a rapariga mais bela do mundo e a mais enamorada, lembra-te de ti para sempre, porque o tempo não vai voltar para trás amor e no entanto tiveste olhos verdes, cabelos vermelhos azuis e corpo de mármore rosa.

Grita sempre ao tempo que espere porque tu também não vais voltar.

Com a verdade exacta dum bago de arroz, duma espiga de trigo ou de um grão de areia, tu exististe. Mas passaste pela vida como passa a nuvem branca pelo céu azul, sobre as cerejeiras floridas, que sussurram agora o teu nome ao vento... enquanto o gavião dourado voa e espreita, com a morte a seu lado, a corça branca... ficarás adormecida para sempre, frente ao mar, à beira-mar.

A lua e o sol voltarão todos os dias novos a vir. Mas para a eternidade serás esquecida e jamais alguém perguntará alguma vez se exististe. Se tu exististe! Não perguntarão, sem saber que nasceste uma vez para nunca mais ! Não haverá outra vez depois de ti para ti. Que significará então adormecer e acordar sem alguém a pensar em ti e em mim? Mas... ainda que isso aconteça esperarei a volta duma outra vida minha que tal como esta não saberei.

Interrogarei sempre os astros e a noite... mesmo que a manhã nasça... jamais adormecerei. Até tu voltares... encontrarei o caminho.

O PRIMEIRO MISTÉRIO DA REVELAÇÃO

Escuta o tempo-templo das florestas submersas e atravessa-o.

Serás o duplo do ASTRO e encontrarás o PAÍS das MANHÃS CALMAS onde, PÃ divino, saberás que o NORTE é negro, o OESTE branco, o ESTE vermelho e o SUL amarelo.

A teu lado esquerdo um leão de ouro, ao teu lado direito um leão de ferro. A tua frente um N , um N , ao centro.

Verás então a Senhora de Cabelos Vermelhos.

Lá, onde o pastor da estrela dos sete sóis permanece na encruzilhada do Sol e da Lua, enquanto a rainha e a sibila da Atlântida Terra amam o sacerdote da chama e da beleza, no dia azul.

Lá onde, longe, o escravo do altar da cidade de prata caminha a estrada do vento que vai dar ao mar, de aquém e além, para repousar na máscara dum Deus.

Só a Senhora de Cabelos Vermelhos, junto do lago verde, cisne branco, jamais detém o Senhor do Tempo Presente e espera a chuva de oiro, montada sobre o lobo negro que, frente às portas do dia e da noite, uiva a sua eternidade.



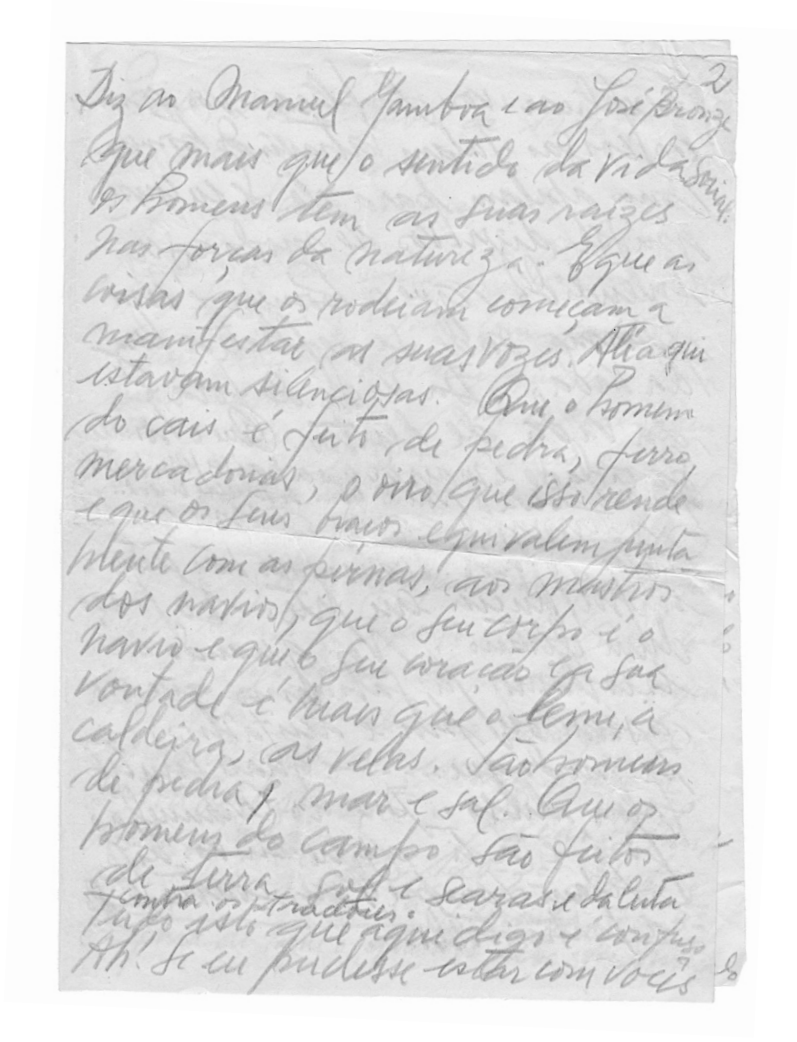
Em pé, da esquerda para a direita: Pepe Blanco e Henrique Varik Tavares
sentados: Mário Cesariny, António José Forte, Virgílio Martinho e Benjamim Marques.
Fotografia de Herberto Aguiar, Café Royal, 1958/1959 (?)



Henrique Tavares (à direita) com Manuel de Castro,
no Miradouro de Santa Luzia, em Lisboa. [s/d]
(Cortesia de Maria Natália de Castro Cabrita)

Sejam sempre vocês contra tudo e contra todos.

[f.2] Não se deixem jamais vencer. Nunca traiam as vossas ideias. Nunca por nunca, em qualquer lado e em quaisquer circunstancias sejam inferiores à ideia que fazem de si próprios mesmo quando não devam ser para sobreviver. Lutem sempre de pé, até nesse pântano que é a cidade. E digam sempre não a esta vida que é um bluff de Deus e digam sempre sim só à Arte e à Beleza, porque só ela pode vencer este tempo de morte.



De regresso ao Gelo, bichanamos às damas: sei vícios, madame, sei vícios... Ou então como diz o ausente Henrique Tavares: Boa tarde e lepra, portugueses! *

VIRGÍLIO MARTINHO
in *O Gelo à Mesa*, p. 1 [inédito; exemplar depositado na biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, espólio de Osório Mateus]

BOM DIA... E LEPRA

[*sobre Henrique Tavares - Varik*] *

De cabelo crespo, sapatos habitualmente dessolados, casaco ou sobretudos marcados pela noite de escada, refeição de bacalhau acompanhado de um-de-três-tinto, o Henrique, vagabundo de noite ou de dia, recorta-se no tempo e no espaço da cidade como homem singular no seu percurso mas muito próximo, ombro a ombro, dos outros na transformação a que si mesmo se impôs.

Contador oral de histórias - acompanhado neste tipo de comunicação por Sacadura Bretes, Manuel da Fonseca e Luiz Pacheco - de biografias de gente que vai do comerciante mais próximo ao mais cotado intelectual; do político resguardado pela máscara de redentor da grei ao amigo que se sente protegido pela sua proximidade de bica e bagaço, Henrique Tavares percorreu itinerários - sem a garantia, pelo menos da sardinhita e da cama familiares - que, literariamente, o levaram dum realismo imediato (e que histórias de pobres, de loucos, de toda a variedade de marginais, não contém, em manuscrito, a sua envelhecida mala de "emigrante": tabernáculo quase protegido por cordas ensebadas e que ele defendia - e certamente continuará a fazê-lo - dos seus esquecimentos e da curiosidade geral em sítios nem sempre os mais seguros: quartos de amor fugaz - fugaz para elas que não para ele - a taberna mais proletária de Bicas ou Madragoas onde o tasqueiro sempre o avaliou como o derradeiro espólio de alguém muito próximo do Limoeiro) até ao estilhaçamento da facilidade num caminho que, politicamente, o levou de compromissos

* Agradecemos a Rui Sousa a indicação desta referência de Mário Cesariny a Henrique Tavares.
** In *A Ideia-revista de cultura libertária*, II série - ano XLII - vol. 19, nº77/78/79/80 - Outono 2016, págs. 280-282.